



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

**TRANSGÊNEROS DA CIDADE DE BENTO GONÇALVES:
HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS ESCOLARES E DE VIDA**

Débora Bortolini de Mello¹

Janine Trevisan²

RESUMO: Quando se pensa ou se fala que educação é um direito de todos, muitos alunos acabam ficando marginalizados, como é o caso dos transgêneros. Segundo pesquisa realizada pela Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil, em 2017, 82% dos estudantes trans abandonaram o Ensino Médio, entre os 14 e 18 anos. Por isso, estudar a trajetória escolar desses sujeitos é de suma importância. A escola que deveria ser o maior espaço de acolhida para as crianças, muitas vezes se torna um espaço opressor, preconceituoso, de insegurança, mas também de resistência. O artigo aqui apresentado tem como objetivo compreender a trajetória escolar de adultos e adolescentes transgêneros da cidade de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul. Através da pesquisa qualitativa com estudo de caso, por meio de narrativas não estruturadas. A ideia era trazer memórias, histórias e trajetórias, lembranças da época de escola. Por fim, apresento as entrevistas realizadas, que foram divididas em quatro partes, trazendo em cada parte relatos da escola, da família e de vida.

Palavras-chave: transgênero; escola; histórias.

1. INTRODUÇÃO

A escola tem a função social de buscar respeito e igualdade, dessa forma criar um ambiente sem qualquer forma de preconceito/transfobia. Porém, muitas

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia 2017/02, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Bento Gonçalves. E-mail deborademello7@gmail.com.

² Docente da área de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Bento Gonçalves. E-mail: janine.trevisan@bento.ifrs.edu.br.

instituições acabam por se tornar um ambiente hostil, marcado pela intolerância e incompreensão sobre o assunto, assim comprometendo a aprendizagem e levando ao abandono escolar.

De acordo com Portela e Júnior (2021), pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa em 2018, revela que apenas 0,3% da população trans está inserida no meio universitário. Conseqüentemente, a baixa escolaridade dificulta a inserção no mercado de trabalho e acaba por agravar a situação de marginalidade vivida pelas pessoas trans.

O artigo aqui exposto tem como objetivo apresentar a trajetória escolar de adultos e adolescentes transgêneros da cidade de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, privilegiando as memórias de infância e adolescência. Ressalta-se a intenção de também identificar os processos de discriminação sofridos pelo público investigado, tanto físicos ou psicológicos.

Inicialmente foi feito levantamento de material bibliográfico, para o conhecimento do assunto estudado. No segundo momento, a entrevista, que foram gravadas e ocorreram por meio do *google meet*. E, no terceiro e último momento, a análise dessas entrevistas.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para a realização do artigo, foram implementados as seguintes estratégias de investigação: revisão bibliográfica, que segundo Vergara, (2005, p. 48), “é um estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, acessível ao público em geral” que foi utilizado para o embasamento teórico do mesmo e aplicação de entrevistas com o público investigado.

2.1. BREVE LINHA DO TEMPO DOS ESTUDOS SOBRE A TRANSEXUALIDADE (1910 - 2004)

Trazendo ao debate sobre transexualidade, é preciso antes fazer um breve apanhado histórico.

As instituições de ensino são espaços que impõem e reproduzem um sistema heteronormativo, segundo Miskolci (2012, p.43-44),

a heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no modo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero.

Crescendo, somos ensinados a seguir certos padrões de acordo com o sexo biológico, meninas usam rosa, brincam de bonecas e usam batom, meninos usam azul, brincam de carrinhos e tem cabelo curto. Se por acaso a criança ou adulto foge dessa norma imposta são, normalmente, taxados, uma vez que meninos não podem parecer “mulherzinha” e meninas não podem ser vistas como “moleques”.

Chamamos de cisgênero a pessoa que se identifica com o sexo de seu nascimento (sexo biológico) e de não-cisgênero, as que não se identificam com o sexo de nascimento, como os transgêneros.

A transexualidade passou a ser abordada em estudo no século XX quando, em 1910 o sexólogo alemão Magnus Hirschfeld publicou o livro *Die Transvestiten*, traduzido para o inglês e sem tradução para o português. Inclusive foi ele quem começou a usar o termo “travestis” para falar sobre pessoas que sentiam a necessidade de se vestir com roupas do sexo oposto.

Além do termo “travestis”, Hirschfeld é um dos precursores do uso do termo “transexual”. Referia-se a seus pacientes como sendo “transexualpsíquico”.

Entretanto, foi somente nos anos 1940 que o médico alemão Harry Benjamin, que viveu grande parte de sua vida nos Estados Unidos, começou os estudos médicos sobre transgeneridade, na época ainda não existia a terminologia transgênero (Saadeh, 2004).

Em 1949, David O. Caldwell utiliza o termo “psicopatia transexual”, mais tarde “transexualismo”, para descrever um caso de uma garota que queria ser homem (Saadeh, 2004).

Na década de 60, as questões ligadas ao transexualismo começam a ganhar notoriedade na medicina, com a ajuda do Dr. Harry Benjamin.

Em 1973, John Money, Norman Fisk e Donal Laub criam o conceito “disforia de gênero” para se referir a presença de um distúrbio/desconforto de gênero (Athayde, 2001).

Em 1987, a transexualidade foi incluída no Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM III, Manual Diagnóstico e Estatístico das Desordens Mentais. Em 1994, o DSM-IV (revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico das

Desordens Mentais) trocou o termo transexualismo por “desordem da identidade de gênero”. Em 2001, a nova publicação do DSM-IV-TR substituiu “desordem” por “transtorno de identidade de gênero”, que é o que consta no Cadastro Internacional de Doenças (CID10).

A OMS, Organização Mundial da Saúde publica anualmente o Cadastro Internacional de Doenças, CID10, e até maio de 2019 a transexualidade era considerada doença, cadastro “F64 - Transexualismo”. Apesar de ter saído da categoria de doenças mentais, agora (2021) faz parte dos comportamentos sexuais.

Em 2008, o Ministério da Saúde do Brasil publicou a Portaria nº 1.707, de 18 de agosto, que em 2013 foi revogada e ampliada para a Portaria nº 2.803, de 19 de novembro. Onde determina que o SUS, Sistema Único de Saúde, deve garantir a cirurgia de transgenitalização e readequação sexual por meio do Processo Transexualizador.

No Brasil, o SUS possibilita o acesso à saúde de forma gratuita, mas em contrapartida existe, muitas vezes, uma fila enorme para ser atendido. Dados da Defensoria de São Paulo mostram que existe hoje uma fila com mais de 1200 pessoas trans à espera da cirurgia de redesignação sexual, a espera pode ser de até 18 anos.

2.2. ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas por meio de narrativas não estruturadas, de modo que o entrevistado fale de forma espontânea, a partir da interação entre entrevistador e entrevistado.

As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Tendo como base a ideia de reconstruir acontecimentos sociais a partir do ponto de vista dos informantes, a influência do entrevistador nas narrativas deve ser mínima. Nesse caso, emprega-se a comunicação cotidiana de contar e escutar histórias.(MUYLAERT, 2014, p.193)

Os encontros para as entrevistas foram realizados entre os dias 22 a 30 de novembro de 2021. No total foram quatro pessoas entrevistadas, todas receberam e

assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, por meio do qual tomaram consciência do objetivo da pesquisa.

Como havia optado por entrevistas não estruturadas, fiz uma pergunta norteadora: “Gostaria de saber como foi a sua trajetória escolar sendo uma criança trans?” e a partir desse questionamento iniciaram as falas. Algumas outras questões foram sendo realizadas para complementar a entrevista.

Todas as quatro entrevistas foram muito interessantes e abordaram diversos aspectos, variando de duração entre sete minutos (a mais curta) e as outras com quase uma hora de duração. Lembrando que foi mantido o total anonimato dos colaboradores, para melhor identificação optei pelo uso de nomes fictícios: Eva, Mateus, Gabriel e Lucas.

No início de todas as entrevistas eu me apresentei e expliquei o teor da pesquisa. Sempre falava que eu seria mais ouvinte do que entrevistadora, por conta do tipo de entrevista escolhido. Que era para que se sentissem à vontade para relatar o que quisessem e após fazia a pergunta norteadora.

Para melhor entendimento dos resultados as respostas foram separadas pelos assuntos mais abordados durante as entrevistas. Aceitação, conflitos na escola/em casa, uso do nome social e uso dos banheiros.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1. ACEITAÇÃO

O primeiro item “Aceitação” traz os relatos da Eva e do Gabriel, onde eles abordam como se descobriram ser pessoas transgêneras. Eva relata como as pesquisas na internet e em documentários ajudaram ela a conseguir entender o que estava passando.

- Eva, 21 anos:

Eu sempre fui uma criança que me senti fora do lugar. Grande parte da minha infância eu sentia que eu era uma espectadora e só fui entender o porquê depois da minha transição, mas eu sempre me senti uma espectadora, sempre por trás. Parecia que eu estava fora do meu corpo, sempre assistindo minha trajetória. E isso se seguiu até os meus 15 anos, agora eu tenho 21. Então aos 15 anos na internet eu estava pesquisando sobre doenças mentais, eu queria entender o porquê eu me sentia tão deslocada. Eu ia na biblioteca durante o recreio para ler, eu não tinha muitos amigos então eu ficava lendo livros de psicologia, distúrbios, transtornos psicológicos, para conseguir entender o porquê eu tinha tanta

dificuldade de criar laços com as outras pessoas e tanta dificuldade para conseguir me sentir bem comigo mesma, eu estava sempre mau.

E aí uma noite na internet eu descobri que existem pessoas transexuais, aí eu comecei a ler, eu peguei vários estudos sobre e documentários, tudo para entender, porque eu não queria pegar essa informação e assumir que essa informação cabia para mim na minha situação que eu estava passando.

Então eu fui lendo e isso foi um processo. Fiquei alguns meses lendo, aí depois eu fiquei assistindo documentários. E nesse meio tempo eu comecei a participar de frentes, de grupos LGBT, de direitos humanos nas escolas e através desses grupos eu comecei a ter amigos. E muito desses meus amigos eu fiquei conversando com eles sobre essas minhas experiências, sobre os meus estudos.

E aí no início eu tinha me assumido como um menino bissexual e para mim isso já foi um grande passo. E depois com o tempo, muitos estudos, muitas conversas eu descobri que era uma mulher transexual na verdade. Então quando eu coloquei roupa pela primeira vez, roupa feminina, quando eu me maquiei, foi uma experiência... nossa eu fico nervosa só de falar. Foi como se eu tivesse começado a viver a partir daquele ponto.

Para entendermos um pouco mais, a transgeneridade é, segundo Modesto, 2013

uma condição possível de indivíduos assumirem uma identidade de gênero, masculina ou feminina, diferente daquela que concorda com suas características biológicas, identidade essa designada por ocasião do seu nascimento (Modesto, 2013, p.50)

Ainda pensando em gênero, no sentido que conhecemos hoje, surgiu em 1980, foi construído de modo coletivo por teóricas femininas. Dagmar Estermann Meyer no livro *Corpo, Gênero e Sexualidade* organizado por Louro, Felipe e Goellner (2003) aborda quatro pontos para melhor compreender o que é gênero.

- 1) Gênero [...] ao longo da vida, através das mais diversas instituições e prática sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo.
- 2) [...] como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade.
- 3) [...] traz implícita a ideia de que as análises e as intervenções empreendidas devem considerar, ou tomar como referência, as relações - de poder- entre mulheres e homens e as formas sociais e culturais que os constituem como "sujeitos de gênero".
- 4) [...] propõe [...] um afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, a doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo

tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação. (Meyer, 2003 p.18-21)

Por isso o conceito de gênero oferece dinamismo e fluidez, pois ele pode variar ao longo do tempo ou de um lugar para o outro. Abaixo temos a fala do Gabriel, homem trans que está em processo de transição. Ele conta como era difícil olhar no espelho e não se reconhecer, por isso começou o uso de hormônios e também já realizou a mastectomia³.

- Gabriel, 21 anos:

Eu nasci sabendo que eu ia ser assim, porque minha vida toda sempre foi assim e agora eu decidi dar um passo a mais que foi fazer a terapia hormonal. E a decisão de ter começado a terapia hormonal foi por me olhar no espelho e não enxergar o que eu queria, não ver quem eu era de verdade, que eu não estava ali, estava num corpo que não me pertencia. Não é que eu não me amava, por que pessoas trans elas não nascem no corpo errado, elas nascem no corpo que foi imposto a elas, tanto que a gente vai atrás da mudança com os hormônios para justamente enxergar quem a gente é.

E o que ajudou muito, de verdade, foi conviver mais com as pessoas trans, travestis, trans pretos. Porque eles são pessoas que não vão reproduzir um estereótipo de gênero que a sociedade impõe. Não tem nada melhor pra se entender do que conviver com essas pessoas.

E o clássico, eu comecei a me enxergar de verdade quando eu cortei o cabelo curto... e isso era proibido aqui em casa eu não podia cortar o cabelo e eu ia lá e cortava porque era um ponto de fuga para me encontrar, tipo a roupa, a camiseta era o que eu buscava para me enxergar.

Em ambos os relatos é possível perceber a emoção na fala ao relatar o momento em que Eva usou roupa feminina e maquiagem e que Gabriel cortou o cabelo e mudou o estilo das roupas.

Vencato (2005, p.235 *apud* Wittmann, 2016) diz

Essas funções têm papel importante quando se trata de identidade de gênero, em específico, já que é por meio tanto das roupas como dos acessórios que se estabelecem uma das primeiras etapas do 'reconhecimento social'.

Para ambos a roupa foi libertadora, um ponto de fuga, mas também um ponto de encontro em meio a confusão.

3.2. NOME SOCIAL

³ Mastectomia: cirurgia para a retirada dos seios durante o processo de redesignação sexual.

Esse segundo item surgiu durante as minhas conversas com os entrevistados de modo natural, pois é um assunto que faz parte da vida da pessoa trans. Segundo Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016 que “dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.” Considera Nome Social “designação pela qual a pessoa travesti ou transexual se identifica e é socialmente reconhecida” ou seja, é o nome com o qual eles querem ser chamados, ao contrário do nome oficializado em registro de nascimento, que não condiz com sua identidade de gênero.

Identidade de gênero é a maneira com que a pessoa se enxerga, o gênero com o qual se identifica, se apresenta para si e para os outros, independente do sexo biológico ou da sua orientação sexual.

Aqui trago a fala da Eva, que me contou como foi na época dela fazer a mudança do nome.

- Eva, 21 anos:

Eu fiquei acho que um ano sem tocar nesse assunto (sobre ser trans), as únicas pessoas que sabiam que eu era trans eram meus amigos do grupo e eu mesma. Aí no ano seguinte (2016) eu decidi conversar com os meus pais, me assumir transexual, eu escolhi o nome Eva⁴, mas sem procurar auxílio jurídico eu era Eva para todo mundo fora da escola. Dentro da escola por não ter um documento que comprovasse a escola disse que não podia me chamar por esse nome. Então eu fiquei um ano ainda sendo chamada pelo meu antigo nome, isso foi no meu segundo ano do ensino médio. Parecia que eu estava vivendo uma vida dupla.

Então nessa jornada do segundo ano, a partir do segundo trimestre eu comecei a faltar muito. Eu não me sentia motivada a ir para escola, eu entendia que era por esta questão do nome, mas também tinha outras coisas, tinha os olhares, tinha os confrontos. Não propriamente dito o preconceito em si, mas situações problemáticas. Então eu rodei no segundo ano por faltas. Então quando eu voltei novamente para o segundo ano eu conheci um grupo muito bom de pessoas que estavam dispostas a me ajudar, minha professora de sociologia e filosofia, minhas colegas. Nesse ano que eu tinha rodado em 2016 eu já tinha buscado auxílio, então quando eu voltei em 2018 para fazer o segundo ano do ensino médio eu já tinha voltado com a carteira de nome social, eu já tinha alterado minha certidão de nascimento. Então eu era a Eva e ponto. No início houve um estranhamento de alguns professores pela troca súbita, daí a direção conversou com eles que por lei eles precisavam me chamar por esse nome.

Então esse segundo ano lá em 2018 foi um ano que eu precisei me afirmar, eu era chamada para rodas de conversa sobre isso nas aulas de biologia, eu falava sobre isso no IF, Instituto Federal. Eu falava sobre isso em outras escolas do estado também, porque eu participava de um grupo de jovens

⁴ Nome social fictício escolhido para preservar o anonimato da entrevistada.

que fazia palestras, era um grupo político, então sempre que tinha temática trans era eu começava a falar.

E aí no meu terceiro ano eu fui eleita a oradora do terceiro ano, a líder e depois no final na premiação da formatura fui eleita a melhor aluna porque esse terceiro ano foi justamente quando eu consegui falar, me expressar. Os professores, os meus colegas eles acreditavam no meu potencial, eu conseguia me impor dentro da sala de aula, não de uma forma autoritária. Eu conseguia fazer minha voz ser ouvida, coisa que nunca antes eu consegui, antes da minha transição.

Eva disse que quando começou tinha que abrir processo judicial, contratar advogado e ir ao fórum explicar a situação. Explicou que agora mudou, o processo está mais rápido, segundo ela, só é necessário ir ao Cartório Civil para solicitar a carteira de nome social e para fazer a alteração da certidão de nascimento basta ir no SINE (Sistema Nacional de Emprego) portando a carteira de nome social.

- Mateus, 17 anos:

Relatou não se sentir confortável com o nome de registro (como será contado no próximo item 3.3). Também disse que agora durante o ensino médio está sendo mais tranquilo, que enviou um e-mail a todos os professores pedindo para ser chamado de Mateus, segundo ele:

Alguns raros casos de professores que não fizeram isso, mas daí como eles sabiam que se eles me chamassem pelo nome de registro eu ia perceber que era de propósito, então eles me chamavam pelo meu sobrenome. Então eles preferem me chamar pelo meu sobrenome do que pelo meu nome social.

Eu agora tenho 17 anos, e ainda tenho que esperar se eu quiser trocar (de nome) mais um ano todo, pra conseguir os papéis e quem sabe pra formatura ser chamado pelo meu nome social.

Mateus já poderia estar utilizando nome social dentro da escola desde os 16 anos, conforme Portaria nº 33, de 17 de janeiro de 2018, artigo segundo: “alunos menores de 18 anos podem solicitar o uso do nome social durante a matrícula ou a qualquer momento, por meio de seus pais ou representantes legais”.

Mas, segundo Mateus, seus pais ou sua avó não faziam isso. Como ele disse, gostaria muito de se formar usando o nome social, mas ao mesmo tempo tem muito medo, pois sabe que a família estará lá, por conta disso tem o receio de ser agredido pela própria família durante o evento.

3.3. CONFLITOS NA ESCOLA/EM CASA

O objetivo dessa seção é compreender as dificuldades enfrentadas pelo público investigado dentro e fora do espaço escolar, além de identificar as diferentes abordagens sofridas pelos estudantes, com relação à sua identidade de gênero, na sua trajetória escolar.

Todos os quatro trouxeram relatos muito expressivos sobre preconceito e exclusão, mas também de persistência. Começamos com Eva.

- Eva, 21 anos:

Eu tive muito apoio das professoras... eu tive dificuldade com os professores homens, mas isso é porque existe toda a questão do patriarcado, do machismo e acaba afetando as mulheres trans. Mas o preconceito nunca foi tão evidente contra a minha pessoa porque eu sempre fui alguém que se manteve firme nas palavras... Quando eu tinha um problema eu ia direto na direção, eu não buscava instigar uma briga ou uma discussão, eu ia direto na direção, citava meus direitos, citava a lei. Falava que meu objetivo não era criar briga ali, era melhor a vivência de todos.

E na questão de largar a escola eu pensei até naquele segundo ano, mas os meus pais sempre priorizaram muito a educação. Foi um traço muito importante que eles passaram para mim, então não consegui largar.

E eu sabia que queria ser alguém... uma mulher trans formada, uma mulher trans que fosse para Universidade, que fosse para faculdade. Que depois pudesse fazer uma pós-graduação, um pós-doutorado. Então eu fiquei na escola, dei o meu melhor. Teve momentos difíceis, são jornadas complicadas, mas justamente o fato de existir como uma pessoa trans no ambiente escolar por si só já é resistir, já é militar, então eu usei disso como ferramenta para ser ouvida.

Minha família sempre soube, eles são bem abertos, então foi um processo. Claro que no início teve um estranhamento, mas é normal né, eles viveram 15 anos com uma pessoa, chamando por outro nome, vivendo de outro jeito. Mas foi muito receptiva a reação deles e acho que isso me ajudou muito também a seguir meu caminho.

Atualmente, Eva cursa Licenciatura em Física em uma instituição de ensino superior da cidade. Seguimos com a fala do Lucas.

- Lucas, 17 anos:

Eu me assumi no primeiro ano (ensino médio, 2020), ano passado. Aí durante o meu ensino fundamental eu já sabia que era trans, eu sou trans não binário⁵ no caso, mas eu falava pras pessoas e elas não me aceitavam, talvez porque elas tinham a mente fechada e eu era meio criança ainda também.

⁵ Trans não binário é aquela pessoa que não se identifica nem com o gênero feminino, nem com o gênero masculino. Sua identidade de gênero não se encaixa no binário de gênero. Ele pode assumir um gênero neutro ou transitar entre os gêneros.

Quando eu entrei (na atual escola) eu vi que era um espaço que ia me aceitar bem, então logo começou a pandemia eu me assumi. A maioria dos professores me aceitam bem. E eu peço se eles podem me chamar pelo nome Lucas e eles dizem que sim, mesmo eu não tendo o nome social ainda. Mas tem alguns que dizem que não podem e é meio desconfortável, mas não tem muito o que fazer.

Ele relata também que durante o ensino fundamental sentia muito o preconceito, tanto que nos últimos 3 meses só ia nos dias das provas. Fala que no ensino médio isso já não acontece. Durante o ensino fundamental tinha vontade de abandonar os estudos. Agora ele acha que não largou os estudos por causa da instituição de ensino em que ele cursa o ensino médio, é um lugar acolhedor, e segundo ele o fato de que todos aceitam e ser apoiado por alguns já o deixa muito feliz.

Questionei como ele se sentia quando criança, se já sentia algo diferente.

Ah, eu já sentia algo diferente. Quando eu tinha 13 anos eu descobri que era trans, eu já sabia que era, mas isso já vinha de muito tempo que eu me sentia desconfortável. Eu cortei meu cabelo com 12 anos e eu chorei muito antes de cortar, eu me sentia muito mal, não conseguia comer. É desde sempre que eu sou assim. Eu não sou muito masculinizado, então não posso dizer que desde criança eu era masculino, mas desde criança eu me sentia diferente.

Questionei também se ele sente algum tipo de preconceito dentro da escola.

Dos colegas não, mas dos professores sim. Às vezes eu vejo que eles me olham, eu vejo que eles ficam me olhando com a cara meio 'eu te aceito, mas na verdade só aqui, por fora não'. É meio desconfortável, mas não tem o que fazer, eu já lido com isso em casa então meio que eu já tô acostumado.

Lucas muito relata e repete durante a entrevista que não tem o que fazer e que já está acostumado. O que faz pensar por quantas situações assim ele passa todos os dias para "já estar acostumado". Ele contou que além da escola somente a mãe sabe que ele é transgênero, mas que ela não aceita o fato.

Seguimos para o Gabriel, que falou sobre preconceito e exclusão.

- Gabriel, 21 anos:

Bom, primeiro que quando eu estava no pré, escolinha, tipo eu entender e saber que eu era uma pessoa trans, claro que eu fui entender o que era ser trans muito tempo depois. Mas de criança sempre foi muito vivido em mim, mas na escolinha foi muito tranquilo porque até com criança isso é muito inocente, então não tinha esse preconceito. Eu sou uma pessoa trans não binária e isso foi desde criança por que eu lembro que eu tinha uma coleção de *Polly* e uma coleção de *HotWheels*, sempre foi o meio termo, nunca foi pra um gênero só.

Eu acho que é preconceito mesmo, foi acontecer quando eu tinha uns 10 anos pra cima, que eu já tava no 4º ou 5º ano, que daí eu percebia que as pessoas eram diferentes comigo. Que sempre pareceu que eu fosse o errado da turma, e aí eu comecei a me isolar, por achar que eu não me encaixava ali.

Eu acho que o preconceito se apresentou para mim dessa forma, de exclusão, tanto social quanto escolar, foi de exclusão e sempre aquelas piadinhas, mais da parte dos meninos... e quando tinha que fazer grupo era sempre o que sobrava. Então o preconceito meio que afetou minha vida por conta disso.

Daí eu fui pro ensino médio e fui (pra escola⁶) e foi aí que eu comecei a perceber e encontrar outras pessoas que pensavam igual, então foi ali que meio que eu consegui achar um lugar pra me impor, falar 'chega, eu sou assim e aceita quem quiser e é isso'.

Mas também por ter tido uma vida meio complicada, no âmbito familiar, foi muito difícil para eu conseguir me concentrar nos estudos. Então eu tava sempre meio mal, tava sempre no meu canto e isso foi afetando minha vida escolar. E aí no segundo ano do ensino médio eu parei de estudar, fiz as provas e sai da escola, porque eu já não aguentava mais isso de ficar ali e mesmo não me importando, afeta, porque tem pessoas que sempre vão ser maldosas.

Esse ano (2021) eu voltei a estudar, curso técnico, só que aí eu fiz o primeiro semestre, tudo ok e eu troquei de notebook, então eu fui tentar entrar no sistema e bloquearam meu acesso e me mandaram um e-mail falando que eu estava com o nome errado, me chamando pelo nome morto. Na hora da matrícula eu expliquei tudo, dei todos os documentos certos e começaram a mandar e-mail pro e-mail antigo que eu tinha, sendo que eu nem sei como que conseguiram esse e-mail. Então eu falei com a coordenadora do curso, liguei, fui lá presencialmente e ninguém conseguiu resolver meu problema, ninguém fez questão, continuaram me chamando pelo nome morto e bloquearam meu acesso e eu to há alguns meses já sem acessar, sem conseguir falar com ninguém pra resolver.

Eu mandei muitos e-mails pedindo e explicando o quanto isso tinha me chateado, por ter sido muito transfóbico⁷ bloqueando meu acesso, mas continuaram me chamando pelo nome morto, sendo totalmente transfóbico e eu não esperava isso (da escola). Isso me deixou muito chateado, de verdade.

Questionei se havia terminado o ensino médio. “O ensino médio eu concluí, mas eu fiz aquelas provas que só faz a prova, passa e termina o ensino médio. Aí eu fiz isso, pra acabar logo.”

Gabriel contou que de todas as situações que passou durante a trajetória escolar essa última foi a pior, considerou até uma situação de transfobia. Disse que foi por isso que decidiu de estudar presencialmente, agora todos os cursos que ele

⁶ O nome da escola foi retirado para preservar o anonimato do entrevistado.

⁷ Transfobia é a repulsa ou preconceito contra pessoas transgêneros.

faz são todos totalmente a distância, para evitar de ter que passar por isso novamente.

A fala abaixo é do Mateus, de 17 anos, de todos os entrevistados ele foi o único que foi efetivamente expulso de casa por se assumir um homem transgênero.

- Mateus, 17 anos:

Eu tive muitos colegas que tiveram essa fase de ir pra escolinha, eu não tive essa fase, boa parte da minha criação eu tive dentro de casa, quem me criou foi a minha vó... eu não me lembro da primeira parte da minha infância de exatamente eu demonstrar alguma coisa porque a minha vó nunca foi uma pessoa que colocou gênero em brinquedo, só mais cores, em cores ela colocava muito gênero, então eu podia brincar de carrinho.

Eu lembro quando eu entrei na escolinha, com 5 anos e tinha o dia do brinquedo e eu levei a minha coleção de carrinhos da *HotWheels* e uma colega falou que tinha um menino novo na sala e colocou meu nome no masculino. E na época eu achei muito confuso e eu fiquei muito triste, porque na minha concepção aquilo tava errado, porque eu gostava e não precisava ser um menino pra necessariamente gostar disso.

Daí o tempo foi passando e eu fui pro ensino fundamental e eu lembro de sempre ter a fase do 'eu sou diferente das outras garotas'. No 5º ano a gente tinha educação física e era dividido a quadra e tinha uma semana que a quadra era dos meninos e uma semana que era das meninas e no dia que a quadra era das meninas eu nunca ia, porque eu não me identificava com aquilo, não é só não gostar, parecia que não era pra mim, eu não tenho relação com isso.

Daí eu fui pro 6º ano, e eu comecei a notar umas coisas, porque eu tinha uma amiguinha de tempo, e eu comecei a gostar dela. Então meu primeiro instinto de perceber que eu não era normal como minha vó gostaria que eu fosse, era que eu estava gostando dessa menina. Todo o meu descobrimento ali dos meus 12, 13 anos foi puramente da minha sexualidade, eu nunca parei pra pensar no meu gênero. Quando eu finalmente achei um rótulo que se encaixasse quando eu tinha uns 14 anos eu me toquei que o meu gênero não parecia certo. Eu fui descobrir trans efetivamente quando eu parei e olhei toda essa história, tudo o que eu tinha passado e falei 'não, eu sou trans, eu sou um garoto', eu só estava em negação disso. Por que eu estava em negação? Porque minha vó dizia que era errado.

E desde que eu entrei na puberdade eu sempre tive a sensação de estar errado. Quando veio minha primeira menstruação eu fiquei muito feliz, achava que era o auge, mas com o tempo passando eu comecei a notar que eu não gostava e não o não gostar normal, de porque dói, era porque eu odiava ter aquilo, eu olhava pras mudanças do meu corpo e eu não queria ter elas, eu me sentia muito errado e eu falava várias e várias vezes que eu queria ser um garoto, que eu queria ter nascido um garoto, e eu achava que isso era fase, porque minha vó dizia que isso era fase.

Então depois de um tempo e tendo mais conhecimento eu pesquisei, queria saber mais o que eu estava sentindo e tudo muito nas escuras, porque eu não tinha quem me ajudasse, minha família toda é muito conservadora e eu cheguei na conclusão de que eu era um menino. Foram longos meses bem confusos, o único apoio mais próximo foi do meu namorado.

É possível perceber vários pontos na narrativa de vida de Mateus, dúvidas, achar que está errado, negação, descobrimento, curiosidade... Guacira Lopes Louro em seu livro *Gênero, Sexualidade e Educação* escreve que

O que importa [...] considerar é que - tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade - as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. As identidades estão sempre se construindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (Louro, 1997, p.31)

Mateus segue contando

Depois veio outro problema, a escola. Eu conversei com alguns profes e fiquei sabendo das normas de nome social, daí eu me liguei que eu não podia trocar o nome do registro da escola, porque (a escola) tem a restrição de que se tu é menor de idade tu não pode trocar teu nome de registro da chamada, tem que ter autorização dos responsáveis. E aí é realmente um problema, porque quando eu escolhi o meu nome (social) aquele meu outro nome não fazia mais sentido pra mim, eu não gostava, eu me sentia mau, eu chorava.

Falei pra alguns professores, mas uns não levavam muito a sério, no fim eles acabavam trocando e isso levou a uma sucessiva de eu não gostar de estudar. E quando aconteceu de eu perceber que eu não tinha um espaço seguro para mim ser quem eu era, tanto com a notícias, quanto com a minha vó... tanto que a minha vó me expulsou de casa.

Para Albuquerque, 2020

A discriminação e o preconceito vivenciados por essa comunidade perpassam diferentes espaços de socialização, desde a família até as instituições de ensino, contribuindo, assim, para a perpetuação das diversas formas de violência contra esse público, cerceando o seu direito à educação (Albuquerque, 2020, p. 18).

As famílias têm papel fundamental na vida de qualquer pessoa trans, de adolescentes ainda mais. Tem aquelas que protegem e apoiam e aquelas que rejeitam e afetam negativamente a vida e também a saúde. Atualmente ele mora na casa do namorado.

Nos relatos, Eva (item 3.2) e Gabriel desistiram de estudar durante o ensino médio, por conta do preconceito, da exclusão e inclusive, como falou Gabriel, transfobia.

Lucas e Mateus contaram que pensaram em desistir de estudar, mas que não fizeram. Mesmo às vezes sendo difícil, eles contaram que consideram a vida acadêmica importante. Ambos também mencionaram que provavelmente não

pararam de estudar por conta da instituição de ensino que estão inseridos (uma vez que estudam na mesma escola), que dizem ser um espaço muito acolhedor.

3.4. USO DOS BANHEIROS

A fala sobre o uso dos banheiros não estava planejada, mas acabou por ser uma fala recorrente e os relatos trouxeram pontos interessantes. Temos os relatos de Eva e Mateus.

- Eva, 21 anos:

A questão do banheiro, acho que até por alguma coisa na minha cabeça eu acabava não indo nem no feminino nem no masculino, porque eu não queria deixar as meninas desconfortáveis, na época era uma coisa que ainda precisava ser conversada com elas e os meninos eu sabia que era um ambiente que eu não gostaria de estar. Então depois de conversar com a direção elas me informaram que tinha um banheiro de serviço que eu poderia usar se eu me sentisse mais à vontade, então eu usava esse banheiro.

Ainda não existe no nosso país uma lei federal que garanta o direito da pessoa trans usar o banheiro que se sente mais à vontade. Mas temos a Constituição Federal que define, como um de seus objetivos principais “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” e que podemos usar como argumento a respeito do uso dos banheiros.

- Mateus, 17 anos:

Contou que o diretor da instituição disse que ele não pode usar o banheiro masculino,

porque pode dar muito problema, não só para mim, no sentido de agressão ou terem que chamar meus pais, mas mais por uma questão de que se algum pai souber. Então pra não dar ruim pra mim e pra instituição era melhor que eu fosse no banheiro feminino. E acabou que eu não vou no banheiro, ou eu não bebo água ou eu seguro até eu chegar em casa.

Ele disse que a escola está tentando fazer um banheiro unisex, mas que até lá ele segue sem usar o banheiro.

No caso particular de Eva, a escola cedeu um banheiro de serviço, usado por ambos os sexos, assim ela fazia o uso desse banheiro. Já Mateus prefere passar o dia sem usar o banheiro, o que provavelmente deve ser prejudicial à saúde.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizando a pesquisa bibliográfica e as entrevistas pude relacionar a teoria com a prática. Conforme relatado, dois dos quatro entrevistados abandonaram os estudos em algum momento do ensino médio, confirmando a leitura sobre abandono escolar. Por isso estudar a trajetória escolar dos alunos transgêneros é tão importante.

É quase inexistente pesquisas estatísticas sobre alunos trans em escolas, mas fica claro pelos relatos dos entrevistados que o principal motivo do abandono escolar é o preconceito e a exclusão sofrida por eles.

A escola é um dos principais lugares de construção de saberes, é onde a criança/aluno se depara com as diferenças, mas também é na escola que existe preconceito e discriminação, pois muitas instituições ainda mantêm em seus currículos normas de gênero, como os banheiros, uniformes, filas separados por sexo e muitas outras formas de discriminação.

Sabendo do potencial de transformação que a educação possui, se faz necessário que a escola seja uma instituição que proporcione um ambiente seguro, confortável, que seja receptivo e plural, para que assim os/as alunos/as trans possam receber uma educação de qualidade, e garantir a permanência do estudante no ambiente escolar de maneira digna. É claro que o professor tem papel fundamental nesse processo, é ele/ela junto com a direção que tem papel norteador no combate de qualquer tipo de preconceito.

Realizar as entrevistas foi, para mim, uma das melhores partes do processo de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. Poder conversar e conhecer a realidade e a história de cada uma dessas pessoas foi incrível e doloroso também, pois é possível sentir nas falas as suas dores.

Para muitos de nós isso não significa muito; ter a liberdade de usar o banheiro que quer, ter uma casa e uma família acolhedora, saber que pode ir à escola todos os dias e não sofrer com isso e sem dúvida, ter a certeza que chegará em casa vivo.

5. REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Amanda V. Transexualismo masculino. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, v. 45, n. 4, p. 407-414, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016. **Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional**. Secretaria Geral.

BRASIL. Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde. Ministério da Saúde.

BRASIL. Portaria nº 33, de 17 de janeiro de 2018. Ministério da Educação/Gabinete do ministro.

BRAZ, Sophia. Segundo dados da REDE TRANS, 82% das mulheres transexuais, travestis e homens trans abandonam o ensino médio entre os 14 e 18 anos. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2017/09/16/segundo-dados-da-rede-trans-82-mulheres-transexuais-travestis-e-homens-trans-abandonam-o-ensino-medio-entre-os-14-e-18-anos>> Acesso em: 30 agosto 2021.

Cirurgias de readequação sexual desabam e espera da população trans se prolonga. O Tempo, 23 de jan de 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/cirurgias-de-readequacao-sexual-desabam-e-espera-da-populacao-trans-se-prolonga-1.2438783>> Acesso em: 18 jan 2022.

DE ARAÚJO RIBEIRO, Érika Fabíola et al. Transfobia na educação: O olhar da estudante transgênero feminino. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, p. e34310414272-e34310414272, 2021.

GIL, Antonio Carlos; VERGARA, Sylvia Constant. Tipo de pesquisa. **Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul**, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Editora Vozes, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MODESTO, Edith. Transgeneridade: um complexo desafio. **Via Atlântica**, n. 24, p. 49-65, 2013.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014.

PORTELA, Poema; JÚNIOR, João. Pessoas trans nas universidades federais do Brasil. Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa, 2021 Disponível em: <<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/pessoas-trans-na-universidades-federais-do-brasil/>> Acesso em: 05 set. 2021.

SAADEH, Alexandre. **Transtorno de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino**. 2004. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

WITTMANN, Isabel. A Roupa Expressa a Identidade: Moda enquanto Tecnologia de Gênero na Experiência Transgênero. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 8, n. 1, p. 77-90, 2019.